

ZAHA HADID E A IDEOLOGIA ATRAVÉS DE SUAS OBRAS

PINTO, Caroline Valério Teixeira¹

GODOIS, Holana Cristina²

OLIVEIRA, Karina Kobata Garcia³

CRISTO, Larissa⁴

SIMONI, Tainã Lopes⁵

RESUMO

Há diversas maneiras de caracterizar o espaço arquitetônico, uma delas é ele sendo um espaço natural ou artificial. Para que seja natural, o lugar não deve ter sido tocado pelo homem, ele precisa ter se desenvolvido naturalmente, sem que haja uma intervenção humana no mesmo. Ao contrário do natural, o espaço artificial é aquele que foi construído, modificado ou manipulado por alguém. A arquiteta Zaha Hadid traz características desses dois meios em suas obras. Ela faz a observação do local onde sua obra será construída, antes de começar a projetar, para que possa entender e manter os caminhos que já existem e, principalmente, o mesmo desnível que o terreno possui. Sendo assim, Zaha utiliza do ambiente natural, para projetar o artificial.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Arquitetônico. Natural. Artificial. Zaha Hadid.

1. INTRODUÇÃO

O espaço arquitetônico consiste na criação de um local onde as pessoas possam circular. Ele pode ou não ser interno, o que depende do ponto de vista de cada um, e é caracterizado de diversas formas, como, por exemplo, sendo um ambiente natural ou artificial.

O estudo dessas características ocorre através da percepção do espaço analisado, se foi um ambiente que se moldou sozinho, esse é um meio natural, porém se houve alguma intervenção humana, o local passa a ser artificial. Desta forma, utilizou-se da análise de algumas obras projetadas pela arquiteta Zaha Hadid, para que o assunto abordado pudesse ter uma melhor compreensão, já que a mesma faz a utilização do natural para projetar o artificial, através da observação do ambiente e do mantimento de suas características naturais.

Assim, através do assunto que traz a relação entre o espaço natural e o artificial na arquitetura de Zaha Hadid, considerou-se que este trabalho se justifica uma vez que visa analisar as obras da arquiteta através do sétimo eixo organizador no sentido do espaço: natural

¹ Aluna do oitavo período de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG. Email: carolinev_araujo@hotmail.com

² Aluna do oitavo período de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: holanagodois@hotmail.com

³ Aluna do oitavo período de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: karina_kobata@hotmail.com

⁴ Aluna do oitavo período de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: larissadcristo@hotmail.com

⁵ Professora de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: tai_lopes@hotmail.com

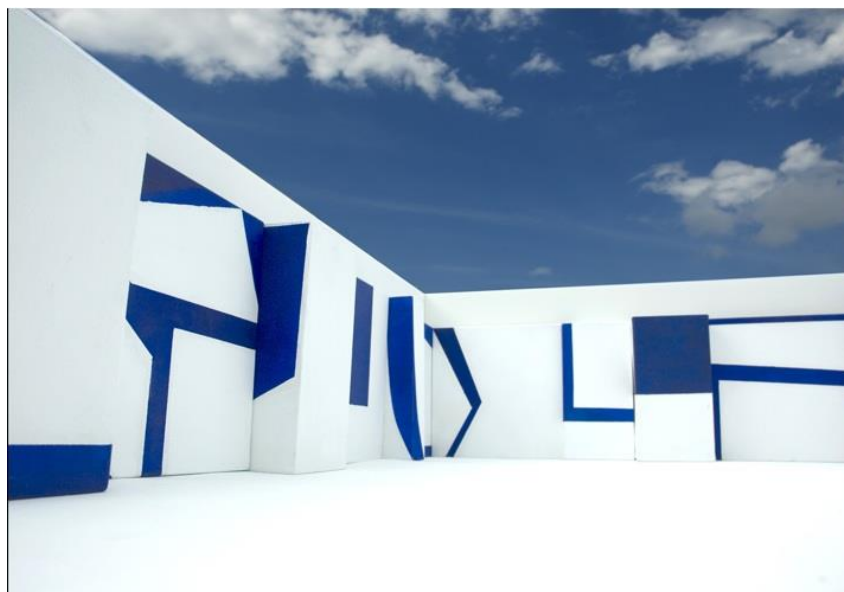
x artificial, e assim contribuindo para uma melhor compreensão da mesma. Nesse sentido, estabeleceu-se como problema de pesquisa: Qual a relação entre o espaço natural e artificial na arquitetura orgânica de Zaha Hadid? Buscando responder ao problema proposto, estabeleceu-se como objetivo geral Analisar a disposição dos espaços presentes nas obras da arquiteta Zaha Hadid, buscando evidenciar as diferenças mais significativas entre arquitetura natural x artificial. De modo específico, pretendeu-se com esse artigo: Explicar o eixo natural x artificial da arquitetura; Apresentar obras e formas da arquiteta de Zaha Hadid; Relacionar a arquitetura natural e artificial presente nestas obras; Destacar pontos na arquitetura de Zaha Hadid que exemplifiquem a prática dos eixos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DEFINIÇÃO DE ESPAÇO ARQUITETÔNICO

De acordo com Zevi (1996), o espaço arquitetônico é o vazio dentro do espaço encerrado, é o espaço interior em que os homens andam e vivem. Ele alega que essa experiência espacial prolonga-se nas cidades, ruas, praças, becos e parques, onde a obra do homem limite “vazios”. Já Coelho Netto (1999) afirma não existir um conceito efetivo de espaço e nem um campo único que faça compreender o que isso seja.

Imagem 01 – Estação Pinacoteca (espaço interno e externo)



Fonte: Gisele Camargo, 2010

Para Laki e Lipai (2007), o espaço arquitetônico deve trazer em si um testemunho para sua concepção. Ele deve começar na imaginação e então ser projetado ou desenhado, para que, depois de edificado, ele traga junto de si o campo da percepção e da sensação.

De acordo com o quarto eixo (artificial x natural), os espaços arquitetônicos não precisam necessariamente ser construídos, ou totalmente artificiais. O espaço deve estar à disposição para pessoas e para organização em si. Ele abrange tudo o que nos cerca, é toda a expansão tridimensional onde os seres podem circular.

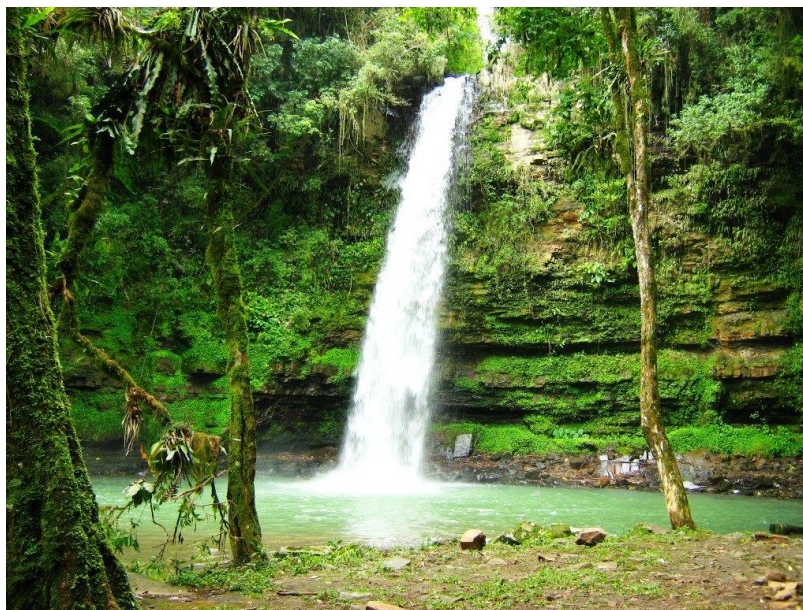
2.2 ESPAÇO NATURAL X ESPAÇO ARTIFICIAL

O espaço natural é se origina da própria natureza, como os rios, os relevos, a vegetação, elementos climáticos, ou seja, toda a fauna e flora. Fiorillo (2002) afirma que o meio ambiente natural é aquele que se forma através do solo, água, ar atmosférico, flora e fauna. O meio ambiente natural é o de identificação mais fácil, pois ele existe desde o surgimento do nosso planeta, porque englobando toda a natureza, ou seja, tudo que está sobre a superfície da terra e também no subsolo, como os minerais. Sendo assim, toda a forma de vida existente no nosso planeta faz parte do espaço natural.

Para Coelho Netto (1999), o conceito de espaço natural é quando esse local não sofre nenhuma intervenção humana, como por exemplo, uma floresta virgem, onde domina o desordenado e livre, onde o processo evolutivo e espontâneo prevalece. Segundo ele a concepção do espaço natural na arquitetura também pode dispor, não só pela natureza livre, como na forma de elementos da natureza provenientes da ação arquitetural, sem excessos e exageros, como por exemplo, os jardins franceses.

Segundo Cordeiro (2007), o espaço, quando é natural, se transforma criando novas formas. Tanto as formas internas, quanto as externas da terra se modificam uma a partir de outra, como se fossem retiradas do seu próprio lugar. Dessa forma, o movimento que transforma e produz a modulação, também produz a transformação e a variação. Portanto, não existe uma classe entre as formas naturais.

Imagem 02 – Cachoeira da Furna, Braço do Trombudo - SC



Fonte: Ivo Kindel, 2010

De acordo com Sirvinskas (2003, p. 277), o Meio Ambiente Artificial é aquele que o homem construiu. É a ocupação gradativa dos espaços naturais, transformando-os em espaços artificiais. Essa construção pelo Homem pode acontecer em espaços fechados ou abertos. Segundo o autor Coelho Netto (1999), esse espaço é o resultado da ação do homem na natureza. Ele se formou a partir do momento em que o homem passa a inserir sua cultura no espaço que antes era natural, deixando-o artificial.

Para Dimenstein (2004), o meio ambiente artificial seria aquele formado através do espaço urbano construído, ligado ao conjunto de edificações, podendo-se considerar um espaço urbano fechado ou um espaço aberto, quando trata-se dos equipamentos públicos. Assim, o termo espaço está diretamente ligado a algo que se refere a todos os espaços habitáveis, pois possui uma natureza que se liga ao conceito de território. Dimenstein (2004) ainda afirma que o meio ambiente artificial está diretamente vinculado ao direito de uma boa qualidade de vida, e também, aos valores da própria vida.

Segundo Silva Júnior (2009), o meio ambiente artificial é toda obra realizada pelo homem que faz com que o ambiente seja modificado e delimitado no espaço territorial urbano. Ele é envolvido pelo espaço urbano construído, assim como todos os espaços que o ser humano possa habitar. Silva (2007) afirma que o meio ambiente artificial é o espaço urbano construído pelo homem no ambiente natural, ou seja, todas as edificações que o

compõe, e pelos equipamentos públicos, considerado espaço aberto. Uma modificação do que seria o meio ambiente natural no meio ambiente artificial. Dessa forma a ideia de espaço artificial justifica o conceito dos termos “cidade” e “urbano”.

Imagem 03 – Cidade de São Paulo - SP



Fonte: Marcos Issa/Argosfoto

2.3 Zaha Hadid e o Processo de Criação de Suas Obras

Imagem 04 – Zaha Hadid



Fonte: Virgile Simon Bertrand.

Em sua arquitetura, Zaha sobrepõem os espaços internos e externos se sobrepõem, fazendo com que ocorra uma definição do uso que as pessoas farão do edifício e de sua relação com o sítio arquitetônico. Segundo Figuerola (2012), o monumental, escultórico e grandioso que caracteriza suas obras arquitetônicas, não é algo pensado de maneira completamente intencional, mas algo que traz influências através de seu contexto. Dessa forma, o surgimento de suas ideias ocorre devido à observação do lugar, da natureza e das pessoas andando pela cidade. Sendo assim, Figuerola (2012) afirma que é sempre sobre como as pessoas se movimentam pelo espaço, de como o público vai fazer uso desse lugar que tornam as fantasias em seus projetos interessantes e realistas. Zaha Hadid não se incomoda e nem teme correr riscos ao introduzir formas complexas aos projetos. Suas obras possuem muito movimento, energia e desejo erótico, pois ela procura relacionar o design, a arquitetura e o urbanismo, preocupando-se com a relação entre paisagem, arquitetura e geologia, já que trabalha com a topografia natural do terreno.

Para Ribeiro (2006), o conceito de ordem utilizado pela arquiteta, acontece a partir de um ponto de vista da topografia natural do ambiente, o qual é dado através da distribuição dos espaços utilizados na planta em um grande senso natural, ou seja, visualizada, percebida e percorrida pelo homem. Ribeiro (2006) ainda afirma que tanto à descrição de como o espaço é percebido, quanto de como ele é percorrido, são levados em consideração, principalmente, nos caminhos feitos pelos corpos no espaço, para que a obra seja projetada.

Segundo Ribeiro (2006), Zaha Hadid introduziu o espaço construído com a circulação do entorno urbano, a construção passou a ser projetada com parte de sua dimensão pública voltada à cidade. Algumas de suas criações redefiniram as relações entre interior e exterior, e o ambiente natural com o artificial, já que o seu crescimento orgânico tem uma dimensão paisagística, que faz surgir duas faces opostas: a paisagem e o edifício. Ribeiro (2006) ressalta que o assunto incide em apontar analogias fortemente produtivas que ocasionem a criação de novas paisagens artificiais.

Segundo Duque (2015) a arquiteta Zaha Hadid é uma das figuras mais destacadas da arquitetura contemporânea, por ganhar diversos prêmios inclusive o Premio Pritzker, que é considerado o Nobel da arquitetura, por seu trabalho que buscava sempre expandir os limites da arquitetura através de formas orgânicas e experimentais que criam contraste espacial.

Guccione (2011) descreve que a arquitetura deve oferecer prazer. Ao entrar em um espaço arquitetônico, as pessoas deveriam vivenciar a sensação de harmonia como se elas estivessem numa paisagem natural, nisto consiste o conceito de luxo da arquiteta Zaha Hadid, pois é algo que não tem nada a ver com o preço mais sim com as emoções que a arquitetura consegue transmitir.

2.4 OBRAS EM ANÁLISE

2.4.1. Heydar Aliyev Centre

Segundo Baratto (2013) o escritório de Zaha Hadid foi escolhido como o responsável pelo projeto do através de um concurso em 2007. Foi concebido para se tornar o edifício principal para programas culturais da nação, quebrando a arquitetura rígida e presente em Baku, expressando a sensibilidade da cultura Azeri e o otimismo de um país que olha para o futuro.

Imagem 05 – Praça do Heydar Aliyev Centre



Fonte: Hufton+Crow

O projeto estabelece uma relação contínua e fluida entre sua praça circundante e o interior do edifício. A praça, acessível a todos como parte do tecido urbano de Baku, se eleva

para envolver um espaço interior igualmente público e definir uma sequência de espaços de eventos dedicados à celebração coletiva da cultura contemporânea e tradicional.

2.4.2. Conceitos

Baratto (2013) afirma que as ondulações, dobras, e inflexões modificam esta superfície da praça em uma paisagem arquitetônica que realiza várias funções: acolher, abraçar, direcionar os visitantes através de diferentes níveis do interior. Assim, o edifício mescla o convencional com o objeto arquitetônico, a paisagem urbana e uma praça urbana. Na história da arquitetura islâmica, linhas, grelhas ou sequência de colunas fluem para o infinito como árvores em uma floresta, estabelecendo espaços não hierárquicos. Padrões de textura fluem dos tapetes para as paredes, do chão ao teto, desta maneira estabelecendo relações contínuas entre elementos arquitetônicos e da região.

Imagem 06 - Heydar Aliyev Centre – Baku, Azerbaijão



Fonte: Iwan Baan

2.4.3. Boko Marterplan

Segundo Rosenfield (2013) o Boko visa transformar a área da fábrica atualmente inacessível no próximo pólo cultural de Belgrado. Com todo o piso térreo dedicado ao espaço

cívico, o complexo de 94.000 metros quadrados contará com áreas residenciais, comerciais e de varejo, além de um grande centro de convenções, um hotel cinco estrelas e uma abundância de destinos públicos. Espaços públicos, privados, interiores e exteriores são fundidos juntos por “linhas de fluxo”, como cada espaço é destinado a conectarem-se perfeitamente uns aos outros.

Ele está localizado a apenas 500 metros do centro da cidade e no topo de um eixo cultural que liga alguns dos destinos mais importantes de Belgrado. Para Zaha Hadid (2013) o masterplan segue as fortes tradições modernistas da região e aplicou novos conceitos e métodos que examinam e organizam os programas. Uma composição de edifícios com elegância de coerência que aborda a complexidade dos padrões de vida do século XXI. O projeto está incorporado na paisagem circundante do eixo cultural de Belgrado e incorpora espaços públicos essenciais.

Imagem 07 - Boko Marterplan – Belgrado, Sérvia



Fonte: Render Zaha Hadid Architects

2.4.4. LF One

Segundo Ribeiro (2006), nesse projeto, a suave rampa que se ergue do solo, permite que a obra tenha acesso através de três ou quatro locais diferentes, com vários pontos de vista incomuns, pois ambos são muito distintos. A entrada pode ser feita pela lateral ou por cima, e em cada uma delas da para ver as pessoas movendo-se através da construção por diferentes

caminhos. Todas as ligações e contornos que se criam através disso, ou, até mesmo, as relações entre o interior e exterior do edifício, são experiências diferentes que fazem com que o edifício se torne um possível espaço público.

O principal objetivo da obra seria criar um local que, de alguma forma, proporcione as pessoas um prazer ao serem utilizados, que traga um descanso, e um bem-estar parecidos aos que sentiriam, caso estivessem a observar ou desfrutar de uma paisagem. Para Ribeiro (2006), a principal intenção de Zaha Hadid foi proporcionar uma sensação de bem-estar emocional no público dessa obra e não apenas questionar o modo como as pessoas utilizam do espaço, sua forma de trabalhar e viver. Para a arquiteta, isto leva a um produto urbano que já não faz mais parte do fortalecimento do espaço privado diante do público. A planta deveria estar à disposição de todos, permitindo mais interação com o espaço natural.

Imagem 08 – LF One ligando-se ao Ambiente Natural



Fonte: Gettyimages, 2012

Mais do que se proferir como um objeto ilhado, para Ribeiro (2006), o edifício proposto a ser um local destinado a celebrações e exposições, mostra-se física e formalmente entrelaçado a uma vasta paisagem ajardinada e com grande valor topográfico. As construções surgem, de maneira delicada, da geometria de caminhos que rodeiam a obra, três dos quais se tramam para formar o edifício.

Os espaços paisagísticos em torno da edificação são flexíveis e abertos. Ribeiro (2006) cita a importância de criar analogias que inspirem na criação de novas paisagens artificiais ou

na conservação das naturais, assim como no terreno, pois que a arquitetura geralmente se fecha e a paisagem abre, oferece e sugere.

Imagem 09 – LF One/ Landesgartenschau



Fonte: Raimund McClain, 2013.

3. METODOLOGIA

Segundo Cervo (2006), a pesquisa bibliográfica utiliza de referências teóricas publicadas em documento para explicar um problema. Ela pode ser realizada como parte da pesquisa experimental e descritiva ou ser feita independentemente. De todas as formas, busca analisar as contribuições científicas ou culturais sobre um determinado assunto, problema ou tema, de seus passados existentes.

De acordo com Bervian (2006) a pesquisa descritiva analisa, observa e registra fenômenos ou fatos que podem ser variáveis sem manipulá-los. Ela procura encontrar com o máximo de precisão a frequência em que um fenômeno ocorre, sua conexão e relação, suas características e natureza, assim como a arquitetura de Zaha apresenta em sua obra.

Para Cervo (2006) pesquisa de opinião busca saber os pontos de vista, atitudes e preferências de cada pessoa a respeito de algum assunto, para que possam tomar decisões. Assim, juntamente com a pesquisa de motivação, procura saber dos objetivos, motivos

ocultos e inconscientes que levam a utilizar certo produto ou que determina atitudes e comportamentos, que a arquiteta analisa para se expressar.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O espaço natural e o artificial estão presentes em todo nosso redor inclusive na arquitetura e a partir disso que a arquiteta Zaha Hadid busca suas inspirações. Zaha se inspira no movimento das pessoas, na natureza e no local onde a obra será feita e com isso ela cria obras funcionais e artificiais que se destacam do meio onde estão inseridas e que, ao observarmos, podemos ver o movimento presente no natural. Com base nisso, a arquiteta veio ganhando espaço e cada vez se destacando mais.

Não poderíamos descrever uma arquitetura que nos mostra tão bem a junção do natural com o artificial como a de Zaha Hadid, pois seus projetos tem formas complexas geralmente apresentando curvas, que visam abraçar e acolher os usuário e ainda mexem com a imaginação e o sentimento dos mesmos. Zaha não tem medo de correr riscos ela imagina o usuário no local e faz a mistura de paisagem, arquitetura, urbanismo e topografia já que a mesma trabalha com o desnível natural do terreno e, com isso, a arquiteta ainda mantém o natural existente do terreno trabalhando juntamente com o artificial da obra.

Embora tenhamos o conceito de que tudo o que foi modificado pelo homem, se tornará artificial e muitas vezes restrito, a arquiteta nos prova, mais uma vez, que suas obras realmente são uma completa integração do espaço natural com o artificial que mantém os espaços livres para a circulação de pessoas e ainda assim apresenta uma arquitetura contemporânea e com formas orgânicas, para que com isso esses espaços sejam melhor utilizados e cada vez mais procurados pelas pessoas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados esclareceram um cenário que possibilitou a identificação das várias características do espaço arquitetônico, principalmente na análise realizada sobre o natural e o artificial. Também auxiliou no entendimento da distinção entre os dois espaços e suas formas

de configurações, visando à importância da integridade entre o meio natural com a obra construída, para a concepção de um local que nos proporcione um ambiente sensorial, o que é muito importante na arquitetura. Através da análise de algumas obras da Zaha Hadid, pode-se perceber a contribuição da arquiteta para esse tipo de arquitetura, que une, através de observações, o ambiente natural com o artificial, criando uma ligação importante entre ambos, pois, para ela, um inspira o outro.

Assim, constatou-se que a relação entre os dois espaços é necessária para que haja integridade entre a arquitetura e a natureza, e, dessa forma, ambos os ambientes se completem, proporcionando-nos as melhores e mais diversas sensações dentro desses locais, tanto no construído, quanto no natural.

REFERÊNCIAS

- BARATTO, Romullo. Centro Heydar Aliyev. 2013. Acessado em: 05/11/2016 Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-154169/centro-heydar-aliyev-zaha-hadid-architects>
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia científica, 5.ed. São Paulo: Parson Prentice Hall, 2006, pg. 65-67.
- CORDEIRO, Marcos Rogério. Homologias Formais entre Espaço Natural e Linguagem Literária. Minas Gerais, 2007. Acessado em: 17/11/2016 Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1382/1480>
- DIMENSTEIN, Gilberto. Meio Ambiente Artificial. Jornalismo comunitário – folha online. 2004. Acessado em: 17/11/2016 Disponível em: http://www.codesan.com.br/parte_informativos/lixo_minimo.pdf
- DUQUE, Karina. Em Foco: ZahaHadid. 2015. Acessado em: 18/10/2016 Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/756488/em-foco-zaha-hadid>
- FIGUEROLA, Valentina. Zaha Hadid fala sobre suas raízes e o processo de criação de suas obras. Revista AU, Ed 218. São Paulo: Pini, 2012.
- FIORILLO, Celso Antonio Pacheco. Curso de Direito Ambiental Brasileiro, 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- GUCCIONE, Margherita. Zaha Hadid – 1. Ed. (tradução: Marcos Maffei). São Paulo: Folha de S.Paulo, 2011.
- LAKI, Raquel Cristina; LIPAI, Alexandre Emilio. Percepção e uso do espaço em Arquitetura e Urbanismo: um ensaio no Ambiente Construído. Revista Eletrônica: Iniciação Científica, ano 1, ed. 1, pag. 18. 2007. Acessado em: 18/11/2016 Disponível em: ftp://ftp.usjt.br/pub/revistaic/pag17_edi01.pdf
- NETTO, José Teixeira Coelho. A Construção do Sentido na Arquitetura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

RIBEIRO, Orlando P. Zaha Hadid a Paisagem como Planta: Topologia, Acessibilidade e Linhas de Movimento. Curitiba, 2006. Acessado em: 18/10/2016 Disponível em: http://www.up.edu.br/davinci/3/305_zaha_hadid.pdf

ROSENFELD, Karissa. Zaha Hadid para regenerar o local histórico em Belgrado. 2013. Acessado em: 05/11/2016 Disponível em: <https://www.archdaily.com/315688/zaha-hadid-to-regenerate-historic-site-in-belgrade&prev=search>

SILVA, Marcus Vinicius Fernandes Andrade da. Algumas considerações sobre o meio ambiente artificial. Santa Catarina, 2007. Acessado em: 17/11/2016 Disponível em: <http://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=667>.

SILVA JUNIOR, Nilson Nunes da. O meio ambiente artificial e a tutela jurídica das cidades como bem ambiental no direito ambiental brasileiro. Âmbito Jurídico, Rio Grande, 2009. Acessado em: 17/11/2016 Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7020.

SIRVINSKAS, Luís Paulo. Manual de Direito Ambiental. São Paulo: Saraiva, 2003.

ZEVI, Bruno. Saber ver Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.